



SOCIEDADE AMIGOS DA MARINHA de Campinas

SOAMAR Campinas

Por uma mentalidade marítima!

Fundada em 09/09/1982



Palavra do Comandante

Leonardo José de **PADUA** Andrade
Capitão-de-Corveta
Comandante do NAsH Oswaldo Cruz

Os Navios da Esperança e suas missões de ASSHOP (Assistência Hospitalar)



Sociedade Amigos da Marinha de Campinas

Acesse nossa página: www.soamarcampinas.org.br

E-mail: soamar@soamarcampinas.org.br

Telefones: +55 19 981427419.

Presidente SOAMAR Campinas Christiane Chuffi.

Produção e divulgação: Presidente Christiane Chuffi

Colaboração: CMG (RM1) Ronald dos Santos Santiago.

Sempre tive o sonho de conhecer a fundo a Amazônia, por ser uma região de fundamental importância para nosso país, com características únicas, que despertam os mais variados interesses no cenário mundial. Ter a honra de estar à frente do Navio de Assistência Hospitalar Oswaldo Cruz, um dos “Navios da Esperança”, que leva saúde e dias melhores a muitos brasileiros e firma ainda mais a presença brasileira na imensidão da Amazônia, é muito mais que uma realização profissional, é uma das mais significativas experiências de vida que alguém pode ter.



“Saúde onde houver vida”. Tendo esse lema como nossa principal missão, os Navios de Assistência Hospitalar (NAsH) dividem-se pelas comunidades ribeirinhas, levando assistência médica, odontológica e dias melhores a esses brasileiros de um Brasil ainda desconhecido por muitos.

O atendimento varia conforme a localização e as possibilidades de acesso as comunidades, onde podemos atracar ou abarrancar (nome dado a atracação às margens da floresta, caso seja possível) ou transportando a equipe de lancha. Neste caso é necessário estabelecer uma base em terra para que os atendimentos sejam feitos. Em alguns casos, podemos nos utilizar até mesmo de uma aeronave embarcada (UH-12 – Esquilo) para fazer o transporte da equipe médica até o local. O importante é que cada comunidade seja atendida, independente do esforço que tivermos que despendar para isso.



Para a realização desses atendimentos, além dos Oficiais e praças da área de saúde que fazem parte da tripulação do Navio, recebemos a bordo, um grupo de médicos, odontologistas, farmacêuticos e enfermeiros da

Marinha que ajudam a constituir a equipe de ASSHOP.

O Comando da Flotilha do Amazonas, subordinado ao comando do 9º Distrito Naval, conta atualmente com 4 navios de Assistência Hospitalar: 2 da classe Oswaldo Cruz (“Oswaldo Cruz” e “Carlos Chagas”), o “Dr. Montenegro” e o “Soares de Meirelles”. Frutos da parceria entre a Marinha do Brasil e o Ministério da Saúde, estes navios são equipados para oferecer o melhor em atendimento básico e até mesmo para lidar com emergências nas comunidades ribeirinhas.



Contamos com ambulatórios médicos, cadeiras odontológicas fixas e portáteis, salas de raios-X, laboratórios, farmácia e salas de emergência, que podem eventualmente ser convertidos em salas de parto ou de cirurgias de pequeno porte, como já foi realizado diversas vezes, salvando as vidas de diversos ribeirinhos ao longo de quase 30 anos atuando na Amazônia.

O “Dr. Montenegro”, em particular, Navio adquirido por meio de convênio realizado com o Estado do Acre, realizando atendimentos neste estado ao menos 4 meses por ano, conta também com mamógrafo, cujos laudos podem representar a oportunidade de um diagnóstico precoce para mulheres de regiões carentes, que em outra situação estariam fadadas a conviver e sofrer com o câncer de mama até os estágios mais avançados, evoluindo eventualmente para sua morte.



Quando a complexidade do estado de saúde do paciente supera a capacidade dos cuidados que a equipe de saúde dos navios podem oferecer, entra em ação a equipe das aeronaves embarcadas nos navios, sempre prontas a realizar traslado tempestivos destes para cidades próximas, que contem com o suporte necessário.

O fato mais relevante desses atendimentos não é o número expressivo e sim o fato de atendermos em regiões em que o Estado não chega. Já é possível observar em algumas comunidades, uma diminuição do índice de cáries, devido aos ensinamentos e profilaxias passados por nossas equipes ao longo do tempo.

Desta forma, nosso Navio de Assistência Hospitalar Oswaldo Cruz, também conhecido pelos ribeirinhos como um dos “Navios da Esperança”, cumpre essa gratificante e inigualável missão, levando saúde e a presença do Estado aos cantos mais remotos de nosso Brasil.



Não poderia deixar de citar minha aguerrida tripulação, honrados homens e mulheres que dedicam suas vidas a patriótica e indevassável missão de levar saúde onde houver vida. A abnegação e luta por esta causa, nos traz grande inspiração e faz com que cada marinheiro engajado nessa empreitada, apresente sempre seu melhor desempenho. Nosso trabalho no NASH Oswaldo Cruz nos proporciona o que em tempos de paz é uma das tarefas mais nobres de nossas forças armadas, a de salvar vidas!

“OSWALDO CRUZ - Saúde onde houver vida”





Marinha do Brasil

AMAZÔNIA AZUL®

O patrimônio brasileiro no mar

SIGA A MARINHA
NAS REDES SOCIAIS

Como ingressar na Marinha do Brasil

Busque informações no site abaixo, Diretoria de Ensino da Marinha, sobre as oportunidades de ingresso na Marinha do Brasil de acordo com o seu nível escolar, idade, sexo etc.

Fique atento a abertura de editais com as instruções específicas para cada processo seletivo.

Informe-se sobre as oportunidades de seguir carreira na Marinha do Brasil. Conheça a sua Marinha!

<https://www.ensino.mar.mil.br/sitenovo/ingresso.html>



O Capitão-de-Fragata (T) Marcos Vinícius LÚCIO, é Assessor de Comunicação Social da Comissão de Desportos da Marinha e do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes.

Visando divulgar as competições e destaques esportivos das Forças Armadas e Forças Auxiliares no Brasil e no exterior mantém o Blog www.globoesporte.com/platb/esporte-militar.

Visite e saiba um pouco mais sobre as atividades dos militares brasileiros nos esportes.



Sociedade Amigos da Marinha do Brasil

Visite o site
www.soamar.org

DATAS COMEMORATIVAS DE FEVEREIRO

- 02: 138º Aniversário da Diretoria de Hidrografia e Navegação;
- 06: 30º Aniversário da Estação Antártica Comandante Ferraz;
- 06: 57º Aniversário do Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra;
- 08: 80º Aniversário do Hospital Naval Marcílio dias;
- 17: 76º Aniversário da Casa do Marinheiro;
- 18 17º Aniversário da Pagadoria do Pessoal da Marinha;
- 21: 39º Aniversário do Navio Patrulha Fluvial Roraima;
- 25: 100º Aniversário da Escola de Guerra Naval;
- 26: 18º Aniversário da Diretoria de Assistência Social da Marinha;
- 26: 18º Aniversário do Navio Patrulha Goiana; e
- 28: 6º Aniversário do Navio- Hidroceanográfico Cruzeiro do Sul.



A Diretoria da Soamar Campinas apresenta ao aniversariante do mês de Fevereiro votos de: saúde, felicidades e muitos anos de vida no nosso convívio.

14 : Walter Gabetta

CENTENÁRIO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Inaugurada no dia 25 de fevereiro de 1914 a Escola de Guerra Naval (EGN) comemora este ano o seu centenário.

A Sociedade Amigos da Marinha - Campinas (SOAMAR – Campinas) cumprimenta esta modelar instituição de altos estudos militares, que tem o propósito de contribuir para a capacitação dos oficiais para o desempenho de comissões operativas e de caráter administrativo; prepará-los para funções de estado-maior; e aperfeiçoá-los para o exercício de cargos de comando, chefia, direção e nos altos escalões da Marinha.

Escola de Guerra Naval



NAVALE BELLVM NAVTIS DOCERE – "ENSINAR A GUERRA AOS MARINHEIROS"

MUSEU NACIONAL DO MAR



São Francisco do Sul é uma cidade de 43000 habitantes em Santa Catarina. A maior parte do território do município fica na ilha de São Francisco do Sul na Baía da Babitonga estando situada a 45 km de Joinville. Ela foi descoberta em 1504 pelo francês Binot Paulmier de Gonneville e tornou-se cidade em 1847.

A cidade tem um porto que movimenta grande quantidade de carga, é um polo turístico importante pelas suas praias, mata atlântica conservada, casarios em estilo colonial português (açorianos) no centro histórico, forte marechal Luz e o magnífico Museu Nacional do Mar. Estas atrações fazem, inclusive, com que haja movimento de navios de passageiros na temporada destes no Brasil.

Diorama do Centro histórico de São Francisco do Sul



O Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras está situado no centro histórico da cidade nos galpões da extinta empresa de navegação da Cia Hoepcke e foi inaugurado em dezembro de 1992. O acervo está organizado em 18 salas divididas por temas. Entre as peças disponíveis à visitação do público, estão mais de 91 barcos em tamanho natural, cerca de 150 peças de modelismo e artesanato naval e a Coleção Alves Câmara, do século XXI (reprodução da coleção original que se encontra no espaço cultural da Marinha, no Rio de Janeiro).



Entre as embarcações expostas estão: canoas como as de um pau só, as bordadas do litoral catarinense, do baixo São Francisco, de tolda ou sergipana e chacheira do Rio Grande do Sul ; as baleeiras de casco liso ou trincado, pintadas de cores vivas; traineiras; botes; jangadas (de cinco paus e de tábuas); saveiros da Bahia e o cúter do Maranhão.

Maquetes de caça à baleia, tamanho natural:



Baleeiras:



Saveiros:



Sala das canoas:



Rancho de pesca



Traineira



No museu existe a Biblioteca Kelvin Palmer Rothier Duarte, formada por mais de 1,5 mil volumes com a temática naval. O falecido professor Kelvin foi um grande colaborador da Diretoria do Patrimônio Histórico da Marinha e professor de nautimodelismo na Escola Naval.

O Museu Nacional do Mar é uma atração imperdível para quem tem o privilégio de visitar São Francisco do Sul e motivo para programar uma visita à cidade pois oferece a oportunidade rara de ver, no mesmo local, a diversidade de embarcações brasileiras.

Região amazônica:



Jangadas:



Na parte externa do museu está exposta a Vela do antigo Submarino Bahia (S12)



Para maiores informações consulte:

<http://www.museunacionaldomar.com.br/museu/>

<http://www.fcc.sc.gov.br/museudomar/>



PALAVRA DE ESCOTEIRO

Gutemberg Felipe Martins da Silva

Chefe do 102°SP Grupo Escoteiro do Mar Velho Lobo



Conversa ao Pé do Fogo

Você já ouviu os sons da natureza?

“Eu não tenho filosofia: tenho sentidos... Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é. Mas porque a amo, e amo-a por isso, porque quem ama nunca sabe o que ama nem por que ama, nem o que é amar.”

Alberto Caeiro

Estamos iniciando 2014. Escotismo não é só regulamentos e metas. É muita diversão! É muita alegria! É muita paixão! Tanta que Velhos Lobos, homens de todas as formações, se encontram nas letras e palavras. É o caso do nosso amigo Chefe Osvaldo, um Velho Lobo que ultrapassou a barreira dos 80 anos. Escreve todos os dias sobre escotismo, através da sua própria experiência e viajando pelo tempo e pelas lembranças que o trás até os dias de hoje. Aproveitem a obra abaixo de sua autoria. Hoje não vou contar uma história. Não vou escrever um artigo. Vou apenas lembrar quando comecei a aprender a amar e sonhar com os sons da natureza. Isto ainda existe? Ainda tem escoteiros sonhadores? Aqueles que olham o céu e pensam estar viajando pelas estrelas?

Faz tempo. Muito tempo. A primeira vez estava com dezessete anos. Ia fazer dezoito. Problemas enormes na mente de um despertar para a vida. Ainda não sabia o valor do silêncio. Resolvi fazer meu primeiro acampamento sozinho. Sem ninguém. Precisava pensar. Porque não? Quem sabe iria descobrir em mim mesmo de onde vim e para onde vou? Mochila nas costas lá fui eu. Era um pico famoso em frente à cidade que morava. Fui lá muitas vezes com a Patrulha, com a tropa. Subida difícil. Umas cinco horas para atingir o cume.

Foi uma experiência fantástica. Nunca tive medo no campo. Não sou corajoso, mas amava o campo. Afinal tudo aquilo que você ama não pode fazer medo. Parti em um sábado à tarde para voltar no domingo. Era fantástica a vista noturna. As luzes piscando por toda a cidade. Pequenos faróis furando ruas e ruas e o rio brilhante sob a luz do luar ziguezagueando como uma enorme serpente querendo devorar a cidade.

Acomodei-me sem barracas. Não precisava. Tantas estrelas no céu iriam ser a lona que não tinha. No alto uma grande cruz, serviu como escora para minha mochila e meu travesseiro. Foi a primeira vez que senti na pele e ouvi o vento. O vento soprava. Adorável vento. Eu não o via, mas sentia. O som era como se eu o tivesse descoberto pela primeira vez. Dormi. Época que ainda dormia a noite inteira. Acordei no lusco fusco da manhã com o rosto molhado pelo orvalho. Ouvi os pássaros cantarem com sons diferentes. Ainda não podia os identificar, pois não estavam por perto.

Demorou mais cinco anos para o próximo. Meu local preferido. Serra da Piedade. Uma viagem de trem noturno, saltar com o trem em movimento em uma subida antes do túnel da Viúva. Fui lá antes várias vezes com amigos escoteiros. Mas precisava ficar só. Sem vozes, sem cantoria, sem gritos sem farfalhar sobre os galhos soltos por aí. Quatro quilômetros de subida. Outra vista maravilhosa. Quatro cidades no horizonte. Aprendi ali a identificar os grilos, as cigarras, os pássaros noturnos e pela primeira vez vi de perto um lobo guará. Quietos. Olhando-me. Tirei uma linguça da mochila. Joguei para ele. Comeu com gosto. Nas outras vezes que voltei foi meu companheiro em quase todas as horas que ali estive. Foi lá que passei a admirar o som da chuva. Não importa se torrencial ou não. Quem sabe ouvindo se perde o medo. Até os raios tinham sons e ruídos maravilhosos da noite assim como os trovões. Em cada época do ano o vento soprava diferente.

Fui a outros lugares. Fiz destas atividades a “Escoteira” (aquele que anda só) um programa anual. Nem sempre pude cumprir. Cada lugar que estava um problema diferente. Mas não passava mais de três ou quatro anos para retornar aos sons da natureza. Acampeei sozinho em florestas virgens. Podia sentar em uma árvore centenária e ouvir o seu som quando ela rangia com seus galhos

enormes e conversava com o vento. Ela e ele se entendem. Ouvia os pássaros invisíveis nos seus galhos, eu via o brilho do sol tentando escalar sua sombra em aberturas pequenas nas suas folhas. Nas grandes florestas a chuva tem um som diferente. Os animais em festa, os insetos apressados, você sente no corpo um frescor diferente. Parece que a natureza quer falar com você. Já tinha feito vários destes acampamentos a Escoteira. Não tenho certeza, mas foi aqui em São Paulo, me parece que no parque Anhanguera. Não na área do público. Outra que só nós escoteiros podíamos entrar. Uma imensa mata de eucalipto já sendo engolida pela mata Atlântica. Como sempre só. Choveu. Barraca armada. Acordei ainda sem ver o sol despontando. O cheiro me bateu em cheio. O cheiro da terra. Um acampador, um mateiro que pela primeira vez sentia o verdadeiro cheiro da terra molhada. Maravilhoso! Incrivelmente maravilhoso! Voltei lá muitas vezes.

Nunca acampeei sozinho em uma praia deserta. Com amigos e com a tropa inúmeras vezes. Que sons maravilhosos deve se ouvir pelas madrugadas. Quem sabe um albatroz. O bater de asas de uma gaivota, um trinta-réis ou um atobá. Quem sabe os tesourões gritando no espaço a procura dos seus cardumes desaparecidos. E as ondas batendo forte ou sôfrega nas areias da praia? E o som imperdível dela chegando e voltando com a maré alta? Já ouvi e vi tudo isto, mas não sozinho. No passado escalei montanhas. Senti lá no alto a paz que procurava. Amei as tempestades e as folhas assustadas que caíam como se fossem no outono. São coisas que deixei para trás. Hoje não posso mais. Mas como em meus sonhos eu volto sempre a Gilwell eu também viajo pelo meu passado com as lembranças dos sons da natureza que aprendi a amar e admirar.

Não há como esquecer o som de um regato, das grandes cachoeiras com seus peixes coloridos tentando o impossível para a desova. Os peixinhos que pulam a procura de um inseto, no coaxar de um sapinho, do lindo som de uma cascata gigante em uma clareira da floresta ou do bater de asas de papagaios coloridos. Os sons das abelhas e dos beija-flores a procura do néctar nas flores, de olhar uma campina verdejante e ver o vento tocar as folhas e o capim, das flores silvestres e elas como se fosse uma onda no mar vão e vem no horizonte. São tantos os sons da natureza que é impossível dizer que Deus não está ali. Sons, melodias, trinar de pássaros e sorrir de leve para a coruja -buraqueira com seus enormes olhos olhando para você. Não há como se esquecer da noite do dia, do vermelhão ao nascer e o por-do-sol. Sons da chuva, da terra molhada, do riacho manso que corre para o mar.

Sons das ondas, das gaivotas, dos falcões, dos macacos guinchando nos galhos como se estivessem a rir de nós. Sons das estrelas, da lua, do sol. Sons imperdíveis da nevoa da madrugada. Quantas saudades daqueles dias que o som da natureza me invadia e tomava conta do meu ser. Um som como se estivesse ouvindo melodias nunca antes tocadas por nenhuma orquestra deste mundo. Sons da natureza! Acredito que seja por isto que eu sou feliz, muito!

*Por entre junco e hera verdejante
Correm nascentes de água límpida,
Junta-se à sede da minha alma ímpia
Esta cascata pura e refrescante
Já são audíveis os sons da cachoeira
Num simulacro à magia da natureza
Insetos e pássaros voam na certeza
Que Deus existe e a fé é verdadeira.*

Autor: O amigo e escotista Chefe Osvaldo.

E por isso cantamos:

" Em cadência firme e sã, nossos peitos faz vibrar, o rataplãn, rataplãn, rataplãn, dos Escoteiros do Mar".

Rataplãn do Mar - Hino dos Escoteiros do Mar do Brasil

O escotismo nos proporciona esses momentos de conhecimento e de aprendizado.

Junte-se a nós e Bons Ventos!

Escoteiros do Mar.



**Contato VELHO LOBO 102/SP – MODALIDADE DO MAR
Chefe Gutemberg Felipe Martins da Silva**

Reuniões em Campinas aos sábados, das 8h às 12h

Rua Maria Soares, 54

Bairro São Bernardo

Tel: (19) 99604-3702 / (19)7851.79.16 - ID 139*4181

www.facebook.com/gemarvelholobo

VULTOS DA HISTÓRIA NAVAL



ALMIRANTE JOSÉ DA COSTA AZEVEDO - BARÃO DE LADÁRIO

José da Costa Azevedo nasceu no Rio de Janeiro em 20 de novembro de 1825. Faleceu no Rio de Janeiro em 14 de outubro de 1907. Era filho do Brigadeiro do Corpo de Engenheiros João da Costa Azevedo e de D. Maria Amália de Azevedo.

Ingressou na Escola de Marinha em 23 de fevereiro de 1839 , onde obteve excelente desempenho escolar.

As suas promoções foram:

- Guarda- Marinha: 2 de dezembro de 1841;
- 2º Tenente: 1 de dezembro de 1843;
- 1º Tenente: 13 de março de 1849;
- Capitão-Tenente: 2 de dezembro de 1856;
- Capitão-de-Fragata: 21 de janeiro de 1867;
- Capitão-de-Mar-e-Guerra: 2 de dezembro de 1869 (por bravura em serviço de guerra);
- Contra- Almirante: 30 de dezembro de 1877; e
- Vice-Almirante: 1 de dezembro de 1882

Como 2º Tenente esteve embarcado em vários navios por longos cruzeiros ao exterior. Ainda serviu embarcado em navios da marinha dos EUA, Fragata Rariton e Fragata Congress, que navegaram no litoral brasileiro e na costa norte-americana. Ao desembarcar da Fragata Congress e regressar ao Brasil recebeu do comandante do navio os melhores elogios e uma arma de presente , para que fizesse uso em sua defesa quando precisasse. Ainda como 2º Tenente foi à Inglaterra receber a Nau D. Afonso sob o comando do Capitão-de-Mar-e-

Guerra Joaquim Marques Lisboa e teve a oportunidade de participar de eventos importantes como o salvamento do navio em chamas Ocean Monarch, na Inglaterra, e da revolução praieira em Pernambuco. Destas participações foi merecedor de elogios, de seu comandante, pela coragem demonstrada.

Exerceu os seguintes Comandos: Vapor Correio Brasileiro; Vapor Urania; Patacho Thereza; Patacho Desterro; Maracanã; Vapor Pirajá; Canhoneira Ibicuhyque; Vapor Pará; Encouraçado Silvado; Corpo de Imperiais Marinheiros e Corveta Nitheroy.

Serviu na Comissão de Limites do Brasil com o Uruguai em 1853/1856, sob a chefia do Barão de Caçapava . Fruto do seu excelente desempenho nesta comissão foi convocado pelo Ministro das Relações Exteriores para chefiar a Comissão de Limites à exploração e ao reconhecimento da região fronteira com a Guiana Francesa em 1859/1861. Como o seu trabalho foi muito detalhado e benéfico ao país foi novamente convocado , desta vez para chefiar a Comissão Mista de Demarcação de Limites do Brasil com a República do Peru no período de 1861 à 1866 , tendo produzido quatro importantes cartas de navegação dos rios Solimões e Amazonas.

A Comissão Mista de Demarcação de limites do Brasil com a República do Peru de limites , Costa Azevedo passou para o barão de Teffé que não concordou com a vertente principal do rio Javari. Esta situação foi inclusive discutida pelos jornais. Uma Comissão posterior deu razão a Costa Azevedo.

Após muita insistência conseguiu ser liberado destas comissões técnicas e voltar a embarcar como comandante , agora em navio em operação de guerra. Assumiu o comando do encouraçado Silvado em 29 de agosto de 1868. Participou do forçamento das passagens sob fogo de Itapiru , Curupaiti e Humaitá. Em 24 de fevereiro de 1869 passou o comando do navio para assumir a Chefia do Estado-Maior da Esquadra cujo o comando tinha sido assumido pelo Barão da Passagem, Almirante Delphin Carlos de Carvalho.

No comando da Fragata Nitheroy realizou as viagens de Guardas –Marinha em 1875 e 1876 visitando portos na América do Norte e Europa.

Algumas das Condecorações recebidas: Hábito de Christo; Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz e Cavaleiro da Ordem da Rosa.

Como Almirante chefiou, na Inglaterra, o grupo de fiscalização da construção dos navios – transportes Riachuelo, Aquidaban, Madeira e Purus entre 1881/1886.

Em atenção aos seus relevantes serviços militares prestados foi lhe concedido o título de Barão de Ladário, em 12 de agosto de 1885.

Exerceu os seguintes cargos políticos: Deputado pelo estado do Amazonas no período de 1878/1881; Ministro da Marinha de 8 de junho à 15 de novembro de 1889 e Senador pelo estado do Amazonas nos períodos de 1894/1897 e 1902/1907.

Em 15 de novembro de 1889, durante a movimentação militar que resultou na proclamação da república, o Barão de Ladário foi ferido. Ao transitar em carruagem no Campo de Santana foi abordado, mediante ordem do Marechal Deodoro, pelo Tenente Pena . Ao descer da carruagem e receber ordem de prisão sacou do bolso o revólver que havia recebido de presente do comandante da Fragata Congress e dispara, mas a arma falhou. O Tenente Pena instintivamente sacou o revólver e disparou quatro vezes ferindo o Barão. Ao assistir a cena o Marechal Deodoro dirigiu-se ao grupo e sentiu o sibilar do projétil disparado em sua direção pelo Barão. A tropa que acompanhava o Marechal Deodoro movimentou-se e realizou vários disparos, sendo que o Sargento Cenobelino desferiu um golpe de espada no Barão. Neste momento o Marechal Deodoro mandou cessar fogo ficando o Barão de Ladário estendido no chão com quatro ferimentos. Foi socorrido por um transeunte e levado ao palácio do Itamaraty para os primeiros socorros. Na proclamação da república o Barão de Ladário foi o único ferido.

No governo do Marechal Floriano foi incumbido de missões diplomáticas na China e Japão.